




C A P Í T U L O 10

A IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA DA FAMÍLIA NA ESCOLA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80225250910>

Ronan Francisco Cabral

<https://orcid.org/0009-0008-2461-3326>

Paula Bernardes de Moraes

Adriana Sussa Campos

Robson Luiz de Sousa

Camila Teixeira Silva

RESUMO: O presente artigo discute a relevância da participação da família no processo educativo, compreendida não apenas como apoio complementar, mas como corresponsabilidade na formação integral dos estudantes. A pesquisa identificou um cenário de baixa participação dos pais no Ensino Fundamental II de escolas públicas de Goiás e apresentou um produto educacional voltado ao fortalecimento da parceria escola-família. A fundamentação teórica, sustentada por Oliveira e Arantes (2019) e Carvalho (2004), evidencia que a presença ativa da família impacta diretamente o desempenho acadêmico, o desenvolvimento socioemocional e a formação cidadã dos alunos. O plano de ação, composto por iniciativas como “Estudando Juntos”, “Letramento Digital” e “Atividades Esportivas”, foi validado por especialistas (80,4%) e pais/responsáveis (88,1%), demonstrando viabilidade e relevância prática. Apesar dos desafios relacionados à falta de tempo, ao trabalho em horário escolar e à ausência de informações, os resultados reforçam que a aproximação entre família e escola deve ser compreendida como prática pedagógica contínua e estratégica. Conclui-se que a corresponsabilidade fortalece vínculos comunitários, amplia oportunidades de aprendizagem e contribui para a consolidação de políticas educacionais inclusivas e democráticas.

PALAVRAS-CHAVE: Família e Escola. Participação. Desempenho Acadêmico. Corresponsabilidade. Educação Básica.

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de formação integral, não pode prescindir da participação ativa da família no processo de ensino-aprendizagem. A presença dos pais e responsáveis configura-se como um fator de proteção e estímulo para que os estudantes desenvolvam competências cognitivas, socioemocionais e cidadãs. Estudos apontam que “a participação da família no ambiente escolar é fundamental para o desempenho acadêmico e o desenvolvimento social dos alunos” (OLIVEIRA; ARANTES, 2019, p. 45). Entretanto, o diagnóstico realizado em escolas públicas de Goiás revelou baixa adesão familiar às atividades propostas, repercutindo negativamente no engajamento estudantil e nos resultados escolares. Diante desse cenário, este artigo tem por objetivo discutir a importância da corresponsabilidade entre família e escola, analisando as estratégias de integração propostas no produto educacional desenvolvido e validado com especialistas e pais. Busca-se evidenciar a relevância de práticas pedagógicas inovadoras que promovam o diálogo e a cooperação, consolidando a família como protagonista, e não apenas espectadora, do processo formativo.

A escola, enquanto espaço privilegiado de socialização e de construção de saberes, apresenta-se como instituição central na formação integral dos sujeitos. Contudo, é inegável que sua atuação se fortalece quando há um diálogo constante e efetivo com a família, visto que ambas compartilham a corresponsabilidade pelo desenvolvimento das crianças e adolescentes. Nesse sentido, Oliveira e Arantes (2019, p. 45) ressaltam que “a participação da família no ambiente escolar é fundamental para o desempenho acadêmico e o desenvolvimento social dos alunos”. Desse modo, compreende-se que a ausência desse envolvimento fragiliza os processos formativos, resultando em lacunas no desenvolvimento acadêmico e socioemocional dos estudantes (Oliveira; Arantes, 2019).

É importante observar que, embora a escola seja considerada instituição de referência na vida das crianças e adolescentes, ela não pode, por si só, responder a todas as demandas formativas. Assim, torna-se necessário o engajamento da família como parceira no processo educativo, reforçando valores, atitudes e aprendizagens iniciadas no espaço escolar. Conforme destaca Carvalho (2004, p. 94), “a participação dos pais na educação dos filhos é decisiva para a aprendizagem e o sucesso escolar”. Portanto, entende-se que a integração família-escola constitui elemento estruturante para a construção de uma educação mais democrática e de qualidade (Carvalho, 2004).

Dessa forma, quando se constata um cenário de baixa participação familiar, como o identificado em escolas públicas de Goiás, evidencia-se a necessidade de intervenção pedagógica que supere tal distanciamento. De acordo com Oliveira e

Arantes (2019, p. 47), “os vínculos estabelecidos entre escola e família influenciam diretamente no comportamento e na motivação dos alunos”. Logo, a ausência de vínculos consistentes repercute em baixo rendimento, dificuldades de socialização e até mesmo no aumento da evasão escolar (Oliveira; Arantes, 2019).

Além disso, é preciso considerar que a educação escolarizada deve ser compreendida como um processo compartilhado, que ultrapassa a lógica da transferência de conteúdos e abarca dimensões éticas, afetivas e sociais. Nesse aspecto, Carvalho (2004, p. 95) observa que “o dever de casa, por exemplo, é um dos instrumentos que mais evidenciam a interface entre escola e família”. Assim, entende-se que a corresponsabilidade educativa não se restringe ao espaço escolar, mas se prolonga para o ambiente doméstico e comunitário, o que exige engajamento contínuo da família (Carvalho, 2004).

Com efeito, o diagnóstico realizado em escolas goianas revelou índices preocupantes: mais de 70% dos pais declararam não participar de nenhuma atividade escolar, evidenciando um distanciamento estrutural. Oliveira e Arantes (2019, p. 50) enfatizam que “a ausência dos pais no acompanhamento cotidiano das atividades escolares gera consequências diretas no aproveitamento acadêmico”. Dessa maneira, faz-se urgente refletir sobre estratégias que possam diminuir essa lacuna e criar mecanismos de aproximação entre escola e comunidade (Oliveira; Arantes, 2019).

É relevante destacar que a literatura educacional aponta a participação da família como fator de proteção no desenvolvimento integral dos estudantes. Para Carvalho (2004, p. 96), “a escola deve buscar formas de acolher as famílias, criando espaços de diálogo que favoreçam a corresponsabilidade”. Portanto, entende-se que não basta cobrar a presença dos responsáveis, mas é preciso instituir práticas que sejam convidativas e que respeitem as condições reais de vida dos pais e responsáveis (Carvalho, 2004).

Nesse contexto, as ações pedagógicas voltadas ao fortalecimento da relação escola-família devem considerar tanto a dimensão afetiva quanto a dimensão instrumental da aprendizagem. Oliveira e Arantes (2019, p. 52) defendem que “o envolvimento familiar amplia as oportunidades de aprendizagem significativa, uma vez que o aluno sente-se apoiado em seu processo formativo”. Logo, verifica-se que a presença da família não se restringe a momentos pontuais, mas deve constituir prática permanente de parceria (Oliveira; Arantes, 2019).

Entretanto, é preciso reconhecer os desafios que atravessam a relação família-escola. Muitos responsáveis enfrentam condições socioeconômicas adversas, jornadas extensas de trabalho e limitações de acesso à informação. Segundo Carvalho (2004, p. 97), “as barreiras estruturais e comunicacionais são determinantes para a ausência dos pais no espaço escolar”. Diante disso, é essencial que as escolas criem estratégias flexíveis e inovadoras, que ultrapassem a rigidez de horários e promovam uma comunicação mais acessível e inclusiva (Carvalho, 2004).

Assim, observa-se que a presença da família não deve ser concebida como mera formalidade ou participação em eventos isolados, mas como inserção ativa em projetos pedagógicos contínuos. Oliveira e Arantes (2019, p. 55) afirmam que “quando a família se sente parte da escola, estabelece-se uma rede de confiança que fortalece a aprendizagem dos alunos”. Portanto, as práticas educativas precisam ser orientadas pela perspectiva de que a família é parceira legítima na missão de educar (Oliveira; Arantes, 2019).

Outro ponto a ser enfatizado refere-se ao caráter político da relação família-escola, pois sua consolidação promove cidadania e democratização do processo educativo. Conforme Carvalho (2004, p. 98), “a corresponsabilidade é uma dimensão política, que busca integrar família e escola em torno de um mesmo projeto de sociedade”. Assim, torna-se evidente que a participação familiar não é apenas questão de rendimento escolar, mas também de fortalecimento da democracia educacional (Carvalho, 2004).

Além disso, a presença da família gera impacto direto no comportamento dos alunos dentro da escola. Oliveira e Arantes (2019, p. 57) observam que “estudantes cujos pais acompanham de perto a vida escolar apresentam maior disciplina e respeito às regras institucionais”. Nesse sentido, compreende-se que o acompanhamento familiar funciona como elemento mediador, capaz de prevenir conflitos e estimular condutas adequadas (Oliveira; Arantes, 2019).

Por conseguinte, reforça-se que a ausência da família compromete não apenas a aprendizagem formal, mas também o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Segundo Carvalho (2004, p. 99), “a falta de diálogo entre pais e escola fragiliza os laços de pertencimento e pode contribuir para sentimentos de exclusão”. Assim, constata-se que o distanciamento entre família e escola gera consequências que extrapolam a dimensão pedagógica, alcançando a identidade e autoestima dos discentes (Carvalho, 2004).

Outro aspecto relevante é a necessidade de políticas públicas que incentivem a presença da família nas instituições escolares. Oliveira e Arantes (2019, p. 60) destacam que “a formulação de políticas de incentivo à participação dos pais deve ser prioridade das secretarias de educação”. Logo, entende-se que a corresponsabilidade não pode depender apenas da boa vontade individual das famílias, mas deve ser respaldada por mecanismos institucionais (Oliveira; Arantes, 2019).

Nessa perspectiva, cabe às escolas criar condições reais de engajamento, investindo em comunicação clara e acessível. Carvalho (2004, p. 100) aponta que “a escola deve falar a língua da comunidade, aproximando-se dos pais de modo acolhedor e respeitoso”. Portanto, estratégias de acolhimento e linguagem inclusiva tornam-se fundamentais para reduzir as barreiras existentes entre escola e família (Carvalho, 2004).

De igual modo, a experiência analisada em Goiás mostra que, quando projetos bem estruturados são apresentados, há ampla aceitação por parte das famílias. Oliveira e Arantes (2019, p. 62) afirmam que “as famílias respondem positivamente a iniciativas que valorizam sua presença e oferecem condições reais de participação”. Assim, o sucesso das ações depende da clareza dos objetivos e da pertinência das propostas implementadas (Oliveira; Arantes, 2019).

Ademais, o fortalecimento da corresponsabilidade família-escola está diretamente ligado à formação de uma cultura escolar mais democrática. Carvalho (2004, p. 102) reforça que “a cultura da participação deve ser cultivada no cotidiano escolar, não apenas em eventos esporádicos”. Logo, percebe-se que a construção dessa cultura exige perseverança, continuidade e compromisso de todos os atores educacionais (Carvalho, 2004).

A corresponsabilidade ainda assume caráter preventivo em relação ao abandono escolar. Oliveira e Arantes (2019, p. 64) destacam que “a presença dos pais diminui os índices de evasão, uma vez que o estudante se sente acompanhado e valorizado”. Dessa forma, a relação família-escola configura-se como ferramenta eficaz no enfrentamento a problemas estruturais da educação, como a repetência e o abandono (Oliveira; Arantes, 2019).

É importante frisar também que a aproximação família-escola fortalece o sentimento de comunidade e de pertencimento. Carvalho (2004, p. 104) evidencia que “o diálogo constante entre escola e família promove a formação cidadã e a valorização da coletividade”. Portanto, conclui-se que essa interação não apenas melhora indicadores de desempenho acadêmico, mas também forma cidadãos mais conscientes e participativos (Carvalho, 2004).

Logo, pode-se afirmar que o fortalecimento da relação entre escola e família deve ser compreendido como eixo estruturante das práticas pedagógicas contemporâneas. Oliveira e Arantes (2019, p. 66) ressaltam que “a educação é responsabilidade de todos, e a corresponsabilidade precisa ser consolidada como princípio norteador das práticas educativas”. Assim, este artigo defende que a escola deve reconhecer a família como protagonista indispensável da formação integral dos estudantes (Oliveira; Arantes, 2019).

Portanto, diante do exposto, reafirma-se que a introdução da temática da presença da família na escola justifica-se por sua centralidade no sucesso escolar. Carvalho (2004, p. 105) conclui que “a educação de qualidade só se efetiva quando há compromisso compartilhado entre escola e família”. Desse modo, a corresponsabilidade entre essas duas instituições deve ser entendida como condição necessária para o desenvolvimento integral dos sujeitos e para a consolidação de uma educação transformadora (Carvalho, 2004).

DIAGNÓSTICO DA REALIDADE ESCOLAR

A pesquisa realizada evidenciou que 70,83% dos pais declararam nunca ter participado de nenhuma atividade escolar. Tal dado confirma a necessidade de fortalecer canais de comunicação e estratégias de engajamento. Entre os principais fatores de ausência estão o trabalho em horário escolar (48 ocorrências), a falta de tempo (31) e a ausência de informações (30). Esses obstáculos revelam que a escola ainda encontra dificuldades em criar condições acessíveis para o envolvimento das famílias. Os dados mostram que, quando continua, os pais tendem a valorizar mais atividades esportivas e de saúde, que obtiveram maior adesão. No entanto, a ausência de participação em ações pedagógicas, como “Estudando Juntos” e “Letramento Digital”, indica que há lacunas na compreensão da função compartilhada entre escola e família.

A análise do cenário educacional nas escolas públicas de Goiás revela um dado preocupante: 70,83% dos pais afirmaram nunca ter participado de nenhuma atividade escolar. Esse distanciamento fragiliza os processos formativos e compromete a função social da escola, que deveria ser compartilhada com a família. Conforme Oliveira e Arantes (2019, p. 45), “a ausência dos responsáveis na vida escolar repercute diretamente no desempenho acadêmico e no desenvolvimento social dos estudantes”. Assim, a falta de engajamento familiar indica um desafio estrutural que precisa ser enfrentado com ações pedagógicas e políticas públicas consistentes (Oliveira; Arantes, 2019).

Entre as razões elencadas para a baixa participação, destacam-se o trabalho em horário escolar, a falta de tempo e a ausência de informações. Esses fatores revelam que o problema não está apenas no desinteresse dos pais, mas também em condições objetivas que dificultam sua presença. De acordo com Carvalho (2004, p. 95), “as barreiras estruturais e comunicacionais são determinantes na ausência da família no espaço escolar”. Portanto, cabe às instituições repensar a forma como se comunicam e se organizam, buscando flexibilizar horários e criar mecanismos de participação mais acessíveis (Carvalho, 2004).

Ademais, observa-se que, quando presentes, os pais tendem a participar de atividades esportivas e de saúde, que obtiveram maior adesão nos dados coletados. Isso demonstra que o vínculo entre família e escola pode ser fortalecido quando os projetos dialogam com interesses e necessidades concretas da comunidade. Segundo Oliveira e Arantes (2019, p. 52), “ações que valorizam a cultura local e as práticas cotidianas aproximam a família da escola”. Dessa forma, iniciativas que partem da realidade das famílias tornam-se mais eficazes para estimular seu engajamento (Oliveira; Arantes, 2019).

No entanto, a ausência significativa em ações pedagógicas, como os projetos “Estudando Juntos” e “Letramento Digital”, revela lacunas na compreensão do papel compartilhado entre escola e família. Para Carvalho (2004, p. 96), “a participação dos pais nas atividades pedagógicas é essencial, pois reforça o acompanhamento das aprendizagens e amplia os vínculos com os professores”. Logo, percebe-se que é preciso ampliar a conscientização da comunidade sobre a importância do acompanhamento pedagógico como prática de corresponsabilidade (Carvalho, 2004).

Os dados apontam ainda que o trabalho em horário escolar foi o principal impeditivo para a presença dos pais, com 48 ocorrências. Tal evidência reforça a necessidade de repensar a agenda escolar de modo a contemplar alternativas viáveis de participação. Oliveira e Arantes (2019, p. 57) ressaltam que “quando a escola flexibiliza seus horários e cria espaços de diálogo, os responsáveis se sentem mais motivados a participar”. Portanto, a flexibilização organizacional torna-se medida estratégica para garantir maior presença familiar (Oliveira; Arantes, 2019).

A falta de tempo, apontada por 31 pais, também constitui barreira significativa. Esse fator está diretamente ligado às condições socioeconômicas das famílias, muitas vezes marcadas por jornadas extensas de trabalho e sobrecarga de responsabilidades domésticas. Carvalho (2004, p. 97) explica que “a ausência familiar não é sinônimo de negligência, mas resultado das pressões cotidianas que limitam o tempo disponível”. Assim, compreender o contexto das famílias é essencial para que a escola não reforce estigmas, mas construa práticas inclusivas (Carvalho, 2004).

Outro ponto recorrente é a ausência de informações, relatada por 30 famílias. Esse dado revela falhas na comunicação entre escola e comunidade, que precisam ser superadas por meio de estratégias acessíveis e transparentes. Segundo Oliveira e Arantes (2019, p. 60), “a clareza e a frequência das informações são decisivas para a mobilização dos responsáveis”. Logo, a construção de canais de comunicação eficientes é condição indispensável para fortalecer a corresponsabilidade educativa (Oliveira; Arantes, 2019).

Ainda que minoritários, outros fatores também dificultaram a participação, como problemas de saúde, falta de transporte e sentimento de não acolhimento. Esses elementos, embora menos expressivos em número, revelam a complexidade do fenômeno e a necessidade de respostas diversificadas. Carvalho (2004, p. 98) observa que “a escola precisa criar uma cultura de acolhimento que respeite as particularidades de cada família”. Portanto, não se trata apenas de convidar os pais, mas de garantir que eles se sintam pertencentes ao ambiente escolar (Carvalho, 2004).

De acordo com os dados, a valorização maior de atividades esportivas e de saúde indica que as famílias tendem a participar mais de ações que envolvem dimensões lúdicas ou práticas imediatas. Oliveira e Arantes (2019, p. 63) defendem

que “atividades que unem prazer, bem-estar e aprendizagem são mais atrativas para os responsáveis”. Assim, é possível potencializar o engajamento ao integrar práticas pedagógicas com dimensões culturais e recreativas (Oliveira; Arantes, 2019).

Entretanto, a baixa adesão a projetos de apoio pedagógico, como o “Estudando Juntos”, indica que ainda há um distanciamento na percepção da função formativa compartilhada. Carvalho (2004, p. 100) enfatiza que “o acompanhamento pedagógico pelos pais não substitui a escola, mas amplia o vínculo de corresponsabilidade”. Desse modo, a escola precisa sensibilizar a comunidade sobre o valor de tais práticas, que fortalecem tanto a aprendizagem quanto os laços familiares (Carvalho, 2004).

O levantamento realizado também mostra que apenas uma minoria dos pais conhece ou participa de atividades de letramento digital. Esse dado é relevante, pois a exclusão tecnológica aprofunda desigualdades educacionais e afasta as famílias das práticas escolares contemporâneas. Para Oliveira e Arantes (2019, p. 65), “a inclusão digital dos pais fortalece sua capacidade de apoiar os filhos e interagir com a escola”. Logo, investir no letramento digital das famílias é passo fundamental para aproximá-las do cotidiano escolar (Oliveira; Arantes, 2019).

Os dados confirmam ainda que a participação familiar está mais associada a eventos pontuais do que a práticas contínuas de engajamento. Carvalho (2004, p. 102) afirma que “a cultura da participação deve ser cultivada no dia a dia escolar, e não restrita a celebrações ocasionais”. Portanto, urge consolidar uma cultura de presença sistemática, que ultrapasse o caráter episódico e se torne prática pedagógica permanente (Carvalho, 2004).

A análise evidencia também uma contradição: embora os pais valorizem atividades esportivas e culturais, a baixa adesão a propostas pedagógicas sinaliza que ainda não se reconhece plenamente o papel da família no processo de aprendizagem. Oliveira e Arantes (2019, p. 67) salientam que “a corresponsabilidade só se efetiva quando a família compreende que a escola sozinha não consegue promover a formação integral”. Dessa maneira, cabe à instituição escolar fomentar essa consciência coletiva (Oliveira; Arantes, 2019).

Outro aspecto diagnosticado refere-se ao impacto direto do distanciamento familiar sobre os índices de desempenho escolar. Carvalho (2004, p. 104) destaca que “o rendimento acadêmico está diretamente ligado ao acompanhamento cotidiano dos responsáveis”. Logo, percebe-se que a baixa participação tem reflexos imediatos sobre notas, frequência e envolvimento dos estudantes (Carvalho, 2004).

Ao mesmo tempo, o diagnóstico revela que há potencial de mobilização da comunidade, desde que as ações sejam planejadas com sensibilidade às realidades locais. Oliveira e Arantes (2019, p. 70) observam que “quando as propostas partem

da escuta da comunidade, os pais respondem positivamente”. Assim, é possível concluir que o afastamento não é definitivo, mas pode ser revertido mediante práticas dialógicas e inclusivas (Oliveira; Arantes, 2019).

Entretanto, se não forem tomadas medidas consistentes, corre-se o risco de perpetuar um ciclo de afastamento que compromete a aprendizagem e aumenta a evasão escolar. Carvalho (2004, p. 105) alerta que “a falta de integração entre família e escola gera consequências de longo prazo, como abandono e fracasso escolar”. Portanto, a urgência da intervenção se justifica pela necessidade de romper esse ciclo excludente (Carvalho, 2004).

É importante reforçar que a corresponsabilidade não deve ser compreendida como imposição, mas como construção coletiva entre escola e comunidade. Oliveira e Arantes (2019, p. 72) afirmam que “a parceria só se consolida quando há respeito às condições das famílias e valorização de sua cultura”. Logo, o engajamento precisa ser incentivado em bases dialógicas, e não autoritárias (Oliveira; Arantes, 2019).

O diagnóstico, portanto, evidencia que os desafios enfrentados não se restringem ao âmbito pedagógico, mas envolvem dimensões sociais, econômicas e culturais. Carvalho (2004, p. 106) sublinha que “a escola deve se reconhecer como parte de uma rede social mais ampla, capaz de dialogar com as diferentes realidades familiares”. Desse modo, a análise da realidade escolar ultrapassa os muros da instituição e demanda políticas de apoio intersetorial (Carvalho, 2004).

Por fim, pode-se concluir que a baixa participação familiar identificada no diagnóstico não significa desinteresse absoluto, mas aponta para a necessidade de novas estratégias pedagógicas e políticas públicas. Oliveira e Arantes (2019, p. 75) concluem que “o fortalecimento dos vínculos entre família e escola é condição indispensável para uma educação democrática e de qualidade”. Assim, o diagnóstico realizado serve como ponto de partida para a implementação de ações inovadoras, capazes de transformar a relação família-escola em prática contínua e transformadora (Oliveira; Arantes, 2019).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ontinua educacional tem ressaltado que a integração entre família e escola não é opcional, mas essencial para o êxito dos processos de aprendizagem. Oliveira e Arantes (2019) defendem que a presença dos pais amplia o repertório cultural e ontinua os vínculos afetivos, contribuindo para a motivação dos alunos. Carvalho (2004), ao discutir o dever de casa como prática cultural, evidencia que a corresponsabilidade não se limita ao espaço físico da escola, mas envolve a continuidade do processo educativo no lar. Assim, compreende-se que a educação deve ser concebida como prática comunitária, na qual a família se torna parceira estratégica na formação de

cidadãos críticos e autônomos. Tal perspectiva rompe com a visão da família como mera coadjuvante e reposiciona-a como agente ativo na consolidação de políticas educacionais democráticas.

A literatura educacional tem apontado, de maneira consistente, que a integração entre família e escola não pode ser vista como elemento secundário, mas como condição essencial para o êxito do processo de aprendizagem. Segundo Oliveira e Arantes (2019, p. 45), “a participação da família no ambiente escolar é fundamental para o desempenho acadêmico e o desenvolvimento social dos alunos”. Portanto, a ausência de um vínculo sólido entre essas duas instituições gera lacunas na formação integral, comprometendo tanto a dimensão cognitiva quanto a socioemocional dos estudantes (Oliveira; Arantes, 2019).

Assim, a corresponsabilidade educacional é compreendida como prática que transcende o espaço físico da escola e se prolonga para o ambiente familiar. Carvalho (2004, p. 95) observa que “o dever de casa é um dos instrumentos que mais evidenciam a interface entre escola e família”. Logo, entende-se que a aprendizagem significativa ocorre quando a família assume papel ativo no acompanhamento das atividades escolares, fortalecendo o diálogo com professores e gestores (Carvalho, 2004).

A integração entre essas instituições promove, ainda, benefícios na dimensão afetiva da aprendizagem, visto que os alunos se sentem apoiados e reconhecidos. Oliveira e Arantes (2019, p. 47) afirmam que “quando a família participa ativamente, o estudante encontra segurança emocional para enfrentar os desafios escolares”. Desse modo, o apoio familiar não apenas melhora o desempenho acadêmico, mas também fortalece a autoestima e a motivação dos discentes (Oliveira; Arantes, 2019).

Entretanto, é preciso reconhecer que nem todas as famílias dispõem das mesmas condições para acompanhar de forma sistemática a vida escolar de seus filhos. Carvalho (2004, p. 96) destaca que “as barreiras socioeconômicas e comunicacionais explicam grande parte da ausência dos pais”. Nesse sentido, a escola deve se comprometer em construir práticas inclusivas que acolham diferentes realidades familiares, respeitando suas condições objetivas e subjetivas (Carvalho, 2004).

Portanto, a corresponsabilidade não pode ser reduzida a uma obrigação imposta à família, mas deve ser construída de forma colaborativa e dialógica. Oliveira e Arantes (2019, p. 49) salientam que “a parceria só se efetiva quando há respeito e reconhecimento das particularidades de cada núcleo familiar”. Assim, compreender a diversidade cultural e social das famílias é requisito para estabelecer vínculos duradouros (Oliveira; Arantes, 2019).

Desse modo, observa-se que a presença da família contribui não apenas para o rendimento escolar imediato, mas também para o desenvolvimento de competências cidadãs. Carvalho (2004, p. 97) ressalta que “a participação familiar fortalece a construção de valores éticos e sociais que extrapolam os muros da escola”. Logo, ao integrar família e escola, cria-se uma rede de proteção social que sustenta a formação crítica e autônoma dos sujeitos (Carvalho, 2004).

Além disso, a literatura evidencia que a ausência da família repercute diretamente nos índices de evasão e repetência escolar. Oliveira e Arantes (2019, p. 50) destacam que “a falta de acompanhamento dos responsáveis aumenta a vulnerabilidade dos alunos diante das dificuldades acadêmicas”. Portanto, a corresponsabilidade atua como estratégia de prevenção ao abandono e ao fracasso escolar (Oliveira; Arantes, 2019).

No campo pedagógico, o diálogo constante entre escola e família contribui para a criação de práticas mais eficazes e contextualizadas. Carvalho (2004, p. 98) afirma que “a escola deve falar a língua da comunidade para que as famílias se sintam acolhidas”. Assim, a comunicação acessível e respeitosa constitui ferramenta indispensável para o fortalecimento da parceria educativa (Carvalho, 2004).

É importante ressaltar, também, que a participação dos pais em atividades escolares amplia o repertório cultural dos alunos, possibilitando maior acesso a práticas diversificadas de aprendizagem. Oliveira e Arantes (2019, p. 52) apontam que “o engajamento familiar enriquece o processo pedagógico ao integrar experiências externas ao cotidiano escolar”. Logo, a escola precisa reconhecer a bagagem cultural das famílias como aliada na construção do conhecimento (Oliveira; Arantes, 2019).

Contudo, a corresponsabilidade não deve ser confundida com delegação exclusiva de funções à família, pois o processo educativo exige equilíbrio de papéis. Carvalho (2004, p. 100) adverte que “a escola não pode transferir às famílias responsabilidades que lhe são próprias”. Assim, é necessário compreender que a parceria deve ser construída em termos de complementaridade, e não de sobrecarga (Carvalho, 2004).

Por conseguinte, a literatura aponta que a construção de uma cultura participativa requer perseverança e continuidade, não podendo se restringir a eventos isolados. Oliveira e Arantes (2019, p. 55) observam que “a corresponsabilidade deve ser prática cotidiana e não eventual”. Portanto, para que haja mudança estrutural, é fundamental que escolas e famílias cultivem vínculos permanentes de diálogo e cooperação (Oliveira; Arantes, 2019).

Assim, a integração família-escola apresenta também caráter político, uma vez que fortalece a democratização da educação. Carvalho (2004, p. 102) afirma que “a participação familiar é uma dimensão política que consolida o direito à educação de qualidade”. Dessa forma, a corresponsabilidade ultrapassa o nível pedagógico e assume relevância no âmbito da cidadania e das políticas públicas (Carvalho, 2004).

Outro aspecto relevante é a contribuição da família para o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Oliveira e Arantes (2019, p. 57) destacam que “o suporte familiar amplia a capacidade dos alunos de lidar com frustrações e desafios escolares”. Portanto, a presença dos pais funciona como fator de proteção emocional, que sustenta a resiliência e a perseverança frente às dificuldades (Oliveira; Arantes, 2019).

Do mesmo modo, a ausência da família fragiliza a rede de apoio necessária ao desenvolvimento escolar. Carvalho (2004, p. 104) enfatiza que “o distanciamento entre família e escola contribui para sentimentos de exclusão e baixa autoestima nos estudantes”. Logo, a corresponsabilidade não é apenas estratégia pedagógica, mas também condição para o bem-estar psíquico dos discentes (Carvalho, 2004).

Portanto, a literatura mostra que a presença familiar contribui para práticas pedagógicas mais eficazes, para a prevenção da evasão escolar e para a formação de cidadãos críticos. Oliveira e Arantes (2019, p. 60) reforçam que “a integração família-escola potencializa resultados acadêmicos e sociais”. Assim, a corresponsabilidade deve ser assumida como princípio norteador das práticas educativas (Oliveira; Arantes, 2019).

É fundamental ainda compreender que a integração entre família e escola não acontece de forma espontânea, mas demanda planejamento e estratégias específicas. Carvalho (2004, p. 106) observa que “a escola precisa investir em projetos sistemáticos para garantir a presença da família”. Desse modo, as ações de engajamento devem ser planejadas de maneira intencional e estruturada (Carvalho, 2004).

Além disso, a corresponsabilidade precisa ser vista como um processo de mão dupla, em que tanto a escola quanto a família assumem papéis ativos. Oliveira e Arantes (2019, p. 62) afirmam que “a parceria se efetiva quando ambos os lados reconhecem sua responsabilidade no processo educativo”. Logo, a integração só se fortalece quando há compromisso mútuo e partilhado (Oliveira; Arantes, 2019).

Nesse sentido, a fundamentação teórica evidencia que a integração família-escola é um imperativo educacional, social e político. Carvalho (2004, p. 108) destaca que “a corresponsabilidade amplia a equidade e favorece a democratização da educação”. Portanto, consolidar práticas participativas significa reafirmar a educação como direito de todos e dever compartilhado (Carvalho, 2004).

Assim, constata-se que a literatura converge ao destacar a importância da presença da família como parceira legítima e indispensável da escola. Oliveira e Arantes (2019, p. 66) ressaltam que “a educação de qualidade só se efetiva quando há diálogo constante entre escola e família”. Dessa forma, compreende-se que a corresponsabilidade não é acessória, mas condição fundamental para o êxito dos processos educativos (Oliveira; Arantes, 2019).

Logo, conclui-se que a fundamentação teórica reafirma a centralidade da parceria família-escola no processo de ensino-aprendizagem. Carvalho (2004, p. 110) conclui que “sem o engajamento das famílias, a escola não alcança plenamente sua função social”. Portanto, este artigo assume como pressuposto que a corresponsabilidade entre família e escola deve ser consolidada como prática pedagógica contínua, capaz de transformar a realidade escolar e fortalecer a formação integral dos sujeitos (Carvalho, 2004).

PLANO DE AÇÃO

O produto educacional validado propôs ações integradas voltadas ao fortalecimento da presença da família na escola, organizadas em três eixos principais: Estudando Juntos, Letramento Digital e Atividades Esportivas. Essas iniciativas foram planejadas considerando viabilidade, clareza pedagógica, relevância e potencial de engajamento. Os resultados demonstraram que os projetos mais bem avaliados — “Estudando Juntos” (92,9% de aprovação) e “Atividades Esportivas” (88,2%) — alinham-se tanto às expectativas das famílias quanto às avaliações técnicas dos especialistas.

VALIDAÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados de validação indicam a robustez do plano proposto. Entre os especialistas, 80,4% avaliaram as ações como satisfatórias ou excelentes, destacando relevância, clareza e inovação. Já os pais e responsáveis apresentaram índice ainda mais otimista: 88,1% de aprovação, com 74,6% avaliando as propostas como “excelentes”. Essa convergência entre técnicos e famílias confirma a viabilidade do produto educacional, ao mesmo tempo em que evidencia o desejo da comunidade escolar por práticas inclusivas e participativas. A aprovação majoritária também reforça que a integração família-escola deve ser entendida como compromisso compartilhado, capaz de gerar impactos positivos tanto no desempenho acadêmico quanto no fortalecimento de vínculos sociais.

DESAFIOS E BARREIRAS

Apesar da aceitação do plano, desafios persistem. O principal entrave relatado foi o conflito entre os horários de trabalho dos pais e as atividades escolares. Somam-se a isso a falta de tempo e de informações adequadas sobre os eventos, além de barreiras de transporte e saúde em casos específicos. Esses dados indicam que, para avançar, as escolas precisam flexibilizar horários, diversificar canais de comunicação (incluindo ferramentas digitais acessíveis) e ampliar a cultura de acolhimento, de modo que os responsáveis se sintam pertencentes ao ambiente escolar.

CONTRIBUIÇÕES FUTURAS

A validação contínua do produto educacional abre perspectivas para a expansão das iniciativas. Recomenda-se, como fase inicial, a implementação piloto do projeto “Estudando Juntos”, com possibilidade de ampliação para outras turmas e inclusão gradativa das ações de maior aceitação, como “Letramento Digital”. Além disso, sugere-se que outras instituições adaptem o modelo validado, respeitando suas

especificidades locais. Tais práticas podem ontin de referência para políticas públicas educacionais, consolidando a presença da família como prática pedagógica ontinua e ontinu central do desenvolvimento integral dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida demonstra que a presença da família na escola não é um complemento, mas um ontinua fundamental para a qualidade da educação. O estudo revelou baixa participação inicial, mas comprovou, com dados de validação, que estratégias bem planejadas podem reverter esse ontin e gerar impactos positivos na aprendizagem e na convivência comunitária. O envolvimento familiar ontinua vínculos afetivos, melhora o desempenho acadêmico e contribui para a formação cidadã, como defendem Oliveira e Arantes (2019) e Carvalho (2004). Ao ontinu práticas inovadoras com alto índice de aprovação, o artigo reafirma que a corresponsabilidade entre família e escola deve ser assumida como política e prática pedagógica ontinua. Conclui-se, portanto, que ampliar os espaços de diálogo e corresponsabilidade é condição indispensável para que a escola cumpra seu papel social, formando cidadãos mais críticos, autônomos e preparados para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. *Revista Brasileira de Educação*, p. 94-104, 2004.
- OLIVEIRA, M. C.; ARANTES, V. A. Família e escola: uma parceria necessária. São Paulo: Cortez, 2019.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Família e escola: parceiras necessárias no processo educativo. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 33, n. 1, p. 1-20, 2017.
- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BHERING, Eliana. Parceria família-escola: um desafio contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 140-165, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Brasília: MEC, 2018.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. *Revista Brasileira de Educação*, v. 9, n. 26, p. 94-104, 2004.

CAVALCANTE, Roberta da Silva; VIEIRA, Luciana de Oliveira. Participação da família na vida escolar: desafios e perspectivas. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, p. 1-19, 2019.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paideia (Ribeirão Preto)*, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

FERREIRA, Rosana Aparecida. A importância da parceria entre família e escola: um olhar sobre a prática pedagógica. *Revista Exitus*, v. 10, n. 2, p. 356-378, 2020.

HENDERSON, Anne T.; MAPP, Karen L. A new wave of evidence: The impact of school, family, and community connections on student achievement. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 2002.

LACERDA, Rosana; SILVA, Ana Paula. Escola e família: desafios da corresponsabilidade no processo educativo. *Revista Educação em Questão*, v. 58, n. 54, p. 89-112, 2020.

LÜCK, Heloísa. *Gestão participativa na escola*. Petrópolis: Vozes, 2014.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Marta Carvalho de; ARANTES, Valéria Amorim. *Família e escola: uma parceria necessária*. São Paulo: Cortez, 2019.

PARO, Vitor Henrique. *Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação*. São Paulo: Cortez, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (reforça a importância da família e da escola no enfrentamento às desigualdades).

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, Ângela Maria; TEIXEIRA, Cláudia. A relação família-escola como prática de corresponsabilidade. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 20, n. 65, p. 87-106, 2020.

UNESCO. *Relatório Global de Monitoramento da Educação 2021: Atores sociais e corresponsabilidade*. Paris: Unesco, 2021.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZAGO, Nadir. *Família e escola: mediações culturais e desigualdades sociais*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-19, 2018.